

Relatório de Intervenção de Conservação e Restauro

Escultura de São Joaquim | Escultura St^a Ana

Paróquia de Dornes

Função Maria Dias Ferreira - Ferreira do Zêzere



Centro de Estudos de Arte e Arqueologia

Instituto Politécnico de Tomar

Junho de 2012



Ilustração 1 - São Joaquim frente (Antes)



Ilustração 2 - São Joaquim verso (Antes)



Ilustração 3 - São Joaquim frente (Depois)



Ilustração 4 - São Joaquim verso (Depois)



Ilustração 5 - Santa Ana frente (Antes)



Ilustração 6 - Santa Ana verso (Antes)



Ilustração 7 - Santa Ana frente (Depois)



Ilustração 8 - Santa Ana verso (Depois)

Índice

I Identificação da Obra	5
II Descrição e Iconologia da obra	6
III Estado de Conservação	9
IV Proposta de Tratamento	10
V Intervenção Realizada	11
VI Recomendações de Manutenção	12
VII Equipa Técnica	12
VIII Índice de Ilustrações – ANTES & DEPOIS	12
IX Anexo 1 Fortográfico	I
X Anexo 2 Ficha de leitura/ Estudo Iconográfico	

I Identificação da Obra

CATEGORIA:	Escultura
TEMA / TÍTULO:	Santa Ana (?)
AUTOR/ESCOLA:	Desconhecido
CRONOLOGIA:	Séc. XVI (?)
LOCAL DE FEITURA:	Portugal
ESTILO ARTISTICO:	Gótico
ASSINATURA/ MARCAS:	<i>Sem marcas</i>
MATERIAIS:	Pedra calcária
TÉCNICAS:	Esculpido e entalhado

CATEGORIA:	Escultura
TEMA / TÍTULO:	São Joaquim (?)
AUTOR/ESCOLA:	Desconhecido
CRONOLOGIA:	Séc. XVI (?)
LOCAL DE FEITURA:	Portugal
ESTILO ARTISTICO:	Gótico
ASSINATURA/ MARCAS:	<i>Sem marcas</i>
MATERIAIS:	Pedra calcária
TÉCNICAS:	Esculpido e entalhado

II Descrição e Iconologia da obra

Estas duas esculturas encontram-se na fachada norte da igreja Matriz da paróquia de Dornes, com cerca de 20 m de altura, estão na cimalha do portal, e são denominadas pelos populares pelos “mal casados”, que afirmam que o grupo escultório seria composto por Santa Ana e São Joaquim, assim denominados, pelo facto de se terem separado aquando da vinda para a igreja. Não existe nenhuma outra referência a estes santos com este nome incomum.

Em última análise, podemos então inferir que o grupo escultórico em questão não nos parece de todo que sejam os “malcasados”, denominados Santa Ana e São Joaquim. Apontamos antes para São Paulo e Santa Ana. O grupo escultórico foi bem trabalhado, o que mostra que quem executou o trabalho era um bom artífice. Contudo, existem alguns pormenores que levam a crer que não terá sido o mesmo autor a executar as duas imagens. Referimo-nos aos panejamentos que foram mais trabalhados, no caso da imagem feminina, e ao nível da face, com maior preocupação na imagem masculina.

Esta última, a qual se encontra do lado esquerdo da porta é uma escultura de vulto a 3/4 com as costas ligeiramente escavadas, com 74 cm de altura. Apresenta sinais de idade avançada, que se identificam por este se apresentar calvo e barbado. Existe ainda uma continuidade das formas gerais e um certo realismo, no que diz respeito à face. A barba é ligeiramente encaracolada nas extremidades, característica da escultura gótica. Os olhos estão abertos, olhando em frente, para o horizonte e está localizada numa posição elevada o que nos leva a crer que a obra não terá sido feita para o lugar onde se encontra, talvez seja mais antiga e tenha pertencido ao antigo templo quinhentista, como o refere Gustavo de Matos Sequeira¹⁰. O nariz é pouco saliente, bem proporcionado em relação à face, assim como a boca pequena. O rosto é alongado e tem as proporções bastante corretas.

O corpo é robusto, tal como consta na iconografia de São Paulo. Apresenta alguma verticalidade e um ar majestoso de imponentia.

O manto é bastante trabalhado e volumoso, embora transmita uma sensação de pano bastante grosso e forte, que o acompanha desde os ombros até aos pés. Tem

ainda uma faixa na zona abaixo do pescoço que o fixa de um lado ao outro. A imagem segura a ponta esquerda do manto com a mão direita, e também a espada completamente vertical. A espada nua é de gomo liso, apresentando uma enorme perfeição. Em relação ao punho da mesma, não há nada a salientar, por este se encontrar partido (não existe atualmente).

As vestes interiores, por baixo do manto, nomeadamente os panejamentos, são apenas visíveis na zona do peito e abaixo da cintura, e apresentam-se cintados. Há uma preocupação com o facto de este ser cintado, uma vez que as pregas dos panejamentos não são tão volumosas como as do manto.

Em relação à mão direita, é possível notar os dedos alongados e estreitos. Relativamente à mão esquerda, esta não existe, mas pela aparência, parece-nos que numa primeira fase se terá partido e sofrido uma intervenção e numa fase posterior retirada definitivamente (não existe qualquer vestígio da mesma atualmente).

O pé esquerdo é o único visível, pois o outro encontra-se por debaixo do manto. Este está descalço e avançado em relação ao outro, pelo que se entende um certo movimento. Existe ainda uma preocupação por parte do autor, no tratamento dos dedos.

A imagem feminina encontra-se do lado direito da porta e é uma escultura de vulto a 3/4 com as costas escavadas, com 68 cm. Apresenta-se extremamente inclinada para trás, quase que nos faz parecer que está em queda, tanto que na zona inferior, nomeadamente na parte de trás, há uma quebra no manto, em forma de “V”. Contudo, existe toda uma torção em “S” do próprio corpo. Encontra-se fraturada a meio, na horizontal, ao nível da cintura.

O rosto é arredondado, ligeiramente inclinado para a esquerda e para baixo, olhando para o livro que tem na mão esquerda. Os olhos são pequenos e amendoados. O nariz é longo e fino, notando-se uma enorme diferença em relação ao do Santo. A boca também é pequena e tem os lábios finos. Em relação ao pescoço este é bastante alongado, o que poderá atribuir-se ao colarinho totalmente liso.

Está integralmente envolta no manto, que é bastante trabalhado, dando-nos uma noção de leveza e volumetria. As pregas são sinuosas, havendo mesmo um enorme pormenor ao nível dos panejamentos. O véu parece-nos que é separado do manto, o

que devido ao seu estado de conservação não será uma afirmação de todo correta. A túnica interior é lisa e só se vê ligeiramente ao nível do peito.

Em relação às mãos, a esquerda não é visível, pois o livro é segurado com a mesma mão, mas por baixo do manto. Relativamente à mão direita, são notar os dedos finos e alongados, numa mão bastante feminina que segura o manto.

O livro sugere-nos uma capa grossa, bastante trabalhado, tanto ao nível da lombada ondulada, como ao nível das folhas, as quais se nota serem mais finas. Há uma demarcação das mesmas tanto individualmente, como em relação à capa, que se observa pela espessura destas (mais finas).

O pé esquerdo é o único visível estando ligeiramente avançado em relação ao outro que se encontra coberto pelo manto. Está calçado com um sapato em bico, tipicamente gótico.

As imagens não têm qualquer inscrição, nem tampouco se sabe algo sobre o encomendante, autor, ou até mesmo a data. Presume-se que estas teriam sido feitas para o local onde se encontram.

Segundo diversos autores, a igreja terá sido mandada edificar pela Rainha Santa Isabel e provavelmente as estátuas também, pois consta ainda que a Rainha Santa, doou imensas obras para a igreja.

Se assim for, e sabendo que Mestre Pêro fez imensas obras para a Rainha Santa, é provável que se possam atribuir as obras desta igreja a este Mestre, ou à sua oficina. Pois, as imagens parecem transmitir o trabalho de mais do que um mestre. Há também algumas semelhanças com as Virgens deste mestre, nomeadamente a inclinação do rosto, as formas do nariz, boca e olhos ou até mesmo o sapato em bico. Veja-se por exemplo a Virgem com o Menino, em pedra, que se encontra no Museu Nacional da Arte Antiga, em Lisboa, atribuída à oficina do Mestre Pêro, ou ainda a Nossa Senhora do Ó, em exposição no Museu Machado de Castro, em Coimbra, também em pedra.

Com base nesta alusão, poder-se-iam remeter as imagens para o final do século XIII, inícios do século XIV, contudo, esta atribuição e datação não é um dado adquirido, até porque em 1453, D. Afonso de Sousa, reedificou e ampliou a igreja.

III Estado de Conservação

Estado de Conservação Santa Ana

- Depósitos superficiais (poeiras/sujidade)
- Colonização Biológica generalizada (Líquenes)
- Fracturação do tronco
- Vestígio de cimento cola usado em anterior intervenção (colagem do fragmento do tronco)
- Presença de argamassas (base)
- Lacunas

Estado de Conservação São Joaquim

- Depósitos superficiais (poeiras/sujidade)
- Colonização Biológica generalizada (Líquenes)
- Vestígios de resinas usadas em anterior intervenção (colagem cabeça e fragmento do panejamento)
- Desagregação na base (destacamento de material – arenização/pulverização)
- Presença de argamassas
- Lacunas

IV Proposta de Tratamento

Proposta de Tratamento de Santa Ana

1. Limpeza superficial (mecânica)
2. Remoção mecânica do cimento cola usado em intervenção anterior
3. Desinfestação (aplicação de biocida à base de Amónia quaternária) por compressas de pasta de papel de pH neutro
4. Remoção de infestantes com recurso a escovagem por via húmida
5. Colagem dos fragmentos do tronco com recurso a aplicação de espigões de reforço em material não oxidável
6. Preenchimentos de lacunas e/ou fissuras
7. Aplicação de camada de proteção (Hidrofugante à base de siloxanos)

Proposta de Tratamento de São Joaquim

1. Limpeza superficial (mecânica)
2. Desinfestação (aplicação de biocida à base de Amónia quaternária) por compressas de pasta de papel de pH neutro
3. Remoção de infestantes com recurso a escovagem por via húmida
4. Revisão das colagens e remoção dos excessos de resina e argamassas
5. Preenchimentos de lacunas e/ou fissuras
6. Aplicação de camada de proteção (Hidrofugante à base de organosiloxanos)

V Intervenção Realizada

Tratamento prévio

- Registo fotográfico pormenorizado da obra.
- Limpeza mecânica. Remoção do pó acumulado, sujidades e resíduos, por processo manual, recorrendo a trincha macia seca e ao recurso a processos mecânicos auxiliares de aspiração, de baixa intensidade.

Tratamento do Suporte

- Limpeza mecânica. Remoção de todas as sujidades incrustadas no suporte por ação manual recorrendo a pinceis, trinchas de cerdas macias e aspirador.
- Remoção de argamassas presentes na zona da base e da zona de fratura, recorrendo a micro-espátula-pneumática e micro-martelo-ultrassónico.
- Aplicação e atuação do biocida da marca comercial Biotin-T® a 3% em H₂O desionizada e pasta de celulose.
- Remoção da pasta de celulose e do biocida após uma semana de cura com recursos a espátulas.
- Neutralização da ação do biocida com o uso de H₂O desionizada, com o auxílio de escovas de pequena e média dimensão. Estas três operações foram executadas, pela mesma ordem, duas vezes.
- Colagem dos fragmentos com resina epóxida. Epo 121® da CTS.
- Aplicação de argamassas, nas zonas de fratura e fendas, à base de cal aérea com agregados de pó de mármore e pigmento.
- Aplicação de uma camada de proteção final, silo 111® um organosiloxano da CTS, com vista à minimização de entrada de água, poluentes e soluções agressivas.

VI Recomendações de Manutenção

Recomenda-se que a limpeza e manutenção da obra devem ser feitas por técnicos especializados em conservação e restauro. Quando esta condição não se verificar, por fatores diversos, aconselhamos, apenas e só, o uso de uma pequena trincha de cerdas macias, para limpeza do pó. Esta sugestão só é válida enquanto a obra não manifestar sinais evidentes de alteração ou degradação.

VII Equipa Técnica

Coordenador: Fernando Costa - Responsável do Laboratório de Materiais Pétreos

Alunos colaboradores: Adriano Machado; Joana Muge; Margarida Quinteira; Marlene Cavaco; Sara Nascimento.

VIII Índice de Ilustrações - ANTES & DEPOIS

Ilustração 1 - São Joaquim frente (Antes).....	2
Ilustração 2 - São Joaquim verso (Antes).....	2
Ilustração 3 - São Joaquim frente (Depois).....	2
Ilustração 4 - São Joaquim verso (Depois).....	2
Ilustração 5 - Santa Ana frente (Antes).....	3
Ilustração 6 - Santa Ana verso (Antes).....	3
Ilustração 7 - Santa Ana frente (Depois).....	3
Ilustração 8 - Santa Ana verso (Depois).....	3

IX Anexo 1 - Fotográfico

Imagem 1 - Santa Ana frente, antes da intervenção.....	III
Imagem 2 - Santa Ana lateral direita, antes da intervenção.....	III
Imagem 3 - Santa Ana verso, antes da intervenção.....	IV
Imagem 4 - Santa Ana lateral esquerda, antes da intervenção.....	IV
Imagem 5 - São Joaquim frente, antes da intervenção.....	V
Imagem 6 - São Joaquim lateral direita, antes da intervenção.....	V
Imagem 7 - São Joaquim verso, antes da intervenção.....	VI
Imagem 8 - São Joaquim lateral esquerda, antes da intervenção.....	VI
Imagem 9 - Pormenor Líquenes negros manto Santa Ana.....	VII
Imagem 10 - Pormenor de colonização biológica intensa cabeça de Santa Ana.....	VII
Imagem 11 - Colonização biológica intensa, cabeça de São Joaquim.....	VIII
Imagem 12 - Pormenor antiga colagem do pescoço, vestígios de resina.....	VIII
Imagem 13 - Vestígios de argamassa na base da imagem de São Joaquim.....	IX
Imagem 14 - Aplicação de biocida com pasta de papel.....	IX
Imagem 15 - Remoção da pasta de pepel com biocida, São Joaquim.....	X
Imagem 16 - Início da remoção dos microrganismos, pulverização e escovagem, São Joaquim.....	X
Imagem 17 - Aplicação de Biocida com pincel.....	XI
Imagem 18 - Remoção de excesso de resina usada em intervenção anterior, São Joaquim.....	XI
Imagem 19 - Fragmento Santa Ana, após 1ª fase de limpeza.....	XII
Imagem 20 - Fase Final, Remoção de Microrganismos por Pulverização e Escovagem.....	XII
Imagem 21 - Remoção de vestígios de cimento cola, usado em intervenções anteriores, com micro-martelo ultrassónico.....	XIII
Imagem 22 - Perfuração para aplicação de espigão de reforço.....	XIII
Imagem 23 - Espigões de reforço em fibra de vidro.....	XIV
Imagem 24 - Santa Ana durante processo de colagem.....	XV
Imagem 25 - Preenchimento de Lacunas.....	XV

Imagem 26 - Pormenor da cabeça do São Joaquim, antes do preenchimento de lacunas e fissuras (lateral esquerda)	XVI
Imagem 27 - Aspeto da cabeça de São Joaquim após preenchimento de lacunas e fissuras (lateral esquerda)	XVI
Imagem 28 - Pormenor da Santa Ana, antes do preenchimento de lacunas e fissuras	XVII
Imagem 29 - Aspeto Santa Ana após preenchimento de Lacunas e Fissuras	XVII
Imagem 30 - Rosto Santa Ana, após intervenção.....	XVIII
Imagem 31 - Santa Ana frente, após intervenção.....	XVIII
Imagem 32 - Santa Ana lateral direita, após intervenção	XIX
Imagem 33 - Santa Ana verso após intervenção	XIX
Imagem 34 - Santa Ana lateral esquerda, após intervenção	XX
Imagem 35 - São Joaquim rosto, após intervenção	XXI
Imagem 36 - São Joaquim frente, após intervenção	XXI
Imagem 37 - São Joaquim lateral direita, após intervenção	XXII
Imagem 38 - São Joaquim verso após intervenção	XXII
Imagem 39 - São Joaquim lateral esquerda, após intervenção	XXIII



Imagem 1 - Santa Ana frente, antes da intervenção



Imagem 2 - Santa Ana lateral direita, antes da intervenção



Imagem 3 - Santa Ana verso, antes da intervenção



Imagem 4 - Santa Ana lateral esquerda, antes da intervenção



Imagem 5 - São Joaquim frente, antes da intervenção



Imagem 6 - São Joaquim lateral direita, antes da intervenção



Imagem 7 - São Joaquim verso, antes da intervenção



Imagem 8 - São Joaquim lateral esquerda, antes da intervenção



Imagem 9 - Pormenor Líquenes negros manto Santa Ana



Imagem 10 - Pormenor de colonização biológica intensa cabeça de Santa Ana



Imagem 11 - Colonização biológica intensa, cabeça de São Joaquim



Imagem 12 - Pormenor antiga colagem do pescoço, vestígios de resina



Imagem 13 - Vestígios de argamassa na base da imagem de São Joaquim



Imagem 14 - Aplicação de biocida com pasta de papel



Imagem 15 - Remoção da pasta de pepel com biocida, São Joaquim



Imagem 16 - Início da remoção dos microrganismos, pulverização e escovagem, São Joaquim



Imagem 17 - Aplicação de Biocida com pincel



Imagem 18 - Remoção de excesso de resina usada em intervenção anterior, São Joaquim



Imagem 19 - Fragmento Santa Ana, após 1ª fase de limpeza



Imagem 20 - Fase Final, Remoção de Microrganismos por Pulverização e Escovagem



Imagem 21 - Remoção de vestígios de cimento cola, usado em intervenções anteriores, com micro-martelo ultrassónico



Imagem 22 - Perfuração para aplicação de espigão de reforço



Imagem 23 - Espigões de reforço em fibra de vidro



Imagem 24 - Santa Ana durante processo de colagem



Imagem 25 - Preenchimento de Lacunas

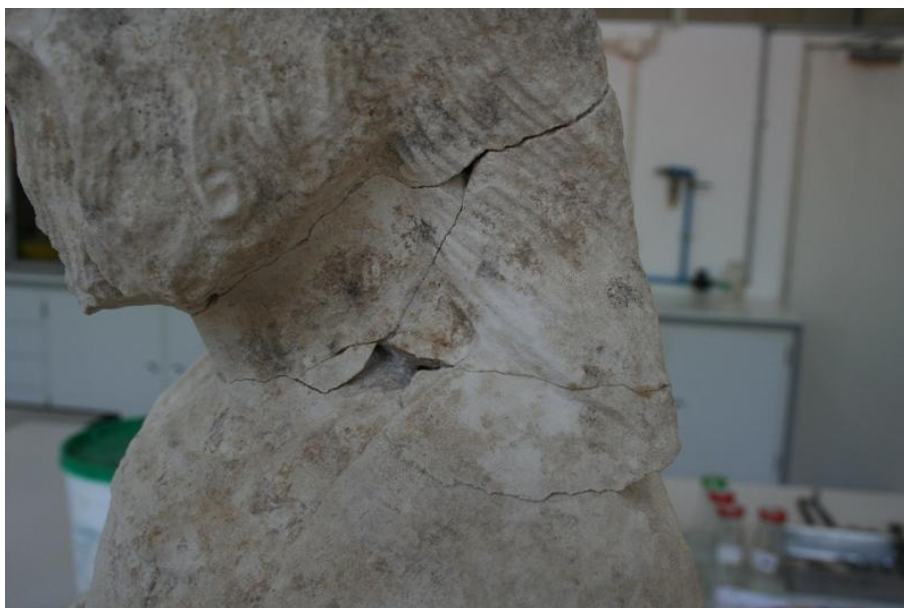


Imagem 26 - Pormenor da cabeça do São Joaquim, antes do preenchimento de lacunas e fissuras (lateral esquerda)



Imagem 27 - Aspeto da cabeça de São Joaquim após preenchimento de lacunas e fissuras (lateral esquerda)



Imagem 28 - Pormenor da Santa Ana, antes do preenchimento de lacunas e fissuras

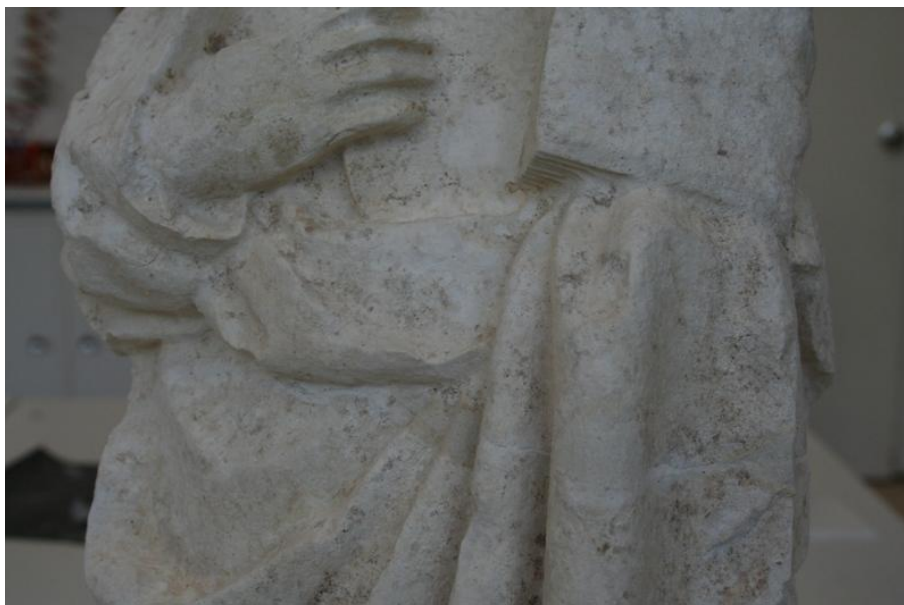


Imagem 29 - Aspeto Santa Ana após preenchimento de Lacunas e Fissuras



Imagem 30 - Rosto Santa Ana, após intervenção



Imagem 31 - Santa Ana frente, após intervenção



Imagem 32 - Santa Ana lateral direita, após intervenção



Imagem 33 - Santa Ana verso após intervenção



Imagem 34 - Santa Ana lateral esquerda, após intervenção



Imagem 35 - São Joaquim rosto, após intervenção



Imagem 36 - São Joaquim frente, após intervenção



Imagem 37 - São Joaquim lateral direita, após intervenção



Imagem 38 - São Joaquim verso após intervenção



Imagem 39 - São Joaquim lateral esquerda, após intervenção

Instituto Politécnico de Tomar
Escola Superior de Tecnologias de Tomar

Mestrado em Conservação e Restauro
Ramo de Património Móvel

Unidade Curricular de *Escultura Portuguesa*

Ficha de Leitura

**As Imagens em Pedra da
Igreja de Nossa Senhora do Pranto, em Dornes**

Docente: Teresa Cunha Matos
Discente: Cristina Reis – N° 11524

A Igreja de Nossa Senhora do Pranto, em Dornes, foi mandada construir em 1285, pela Rainha Santa Isabel. Reza a lenda, que no sítio onde se situa a igreja apareceu a um cavaleiro, de nome Guilherme de Pavia, Nossa Senhora com Cristo morto nos braços, a denominada Nossa Senhora do Pranto ou Nossa Senhora da Piedade. O cavaleiro foi contar à rainha Santa, que estava em Coimbra, a qual logo mandou edificar ali uma igreja.¹ Esta pertenceu à Ordem dos Templários até 1311 e, em 1319 entrou na posse da Ordem de Cristo, de que foi comenda.²

Na fachada da igreja, a norte, com cerca de 20 m de altura, estão na cimalha da porta duas imagens em pedra, sem policromia, denominadas os “malcasados”. Esta denominação é feita pelo Padre Manuel Pinto da paróquia, que afirma que o grupo escultório seria composto por Santa Ana e São Joaquim, assim denominados, pelo facto de se terem separado aquando da vinda para a igreja. Contudo, ainda segundo este, desde que se lembra que estas imagem assim são qualificadas. Não existe nenhuma outra referência a estes Santos com este nome incomum. A denominação “malcasados” também poderá ter surgido devido ao facto de segundo a bíblia, ser de grande desejo do casal terem filhos o que não aconteceu durante muito tempo. Um dia, aparece a São Joaquim, o Arcanjo São Gabriel, que ouviu as suas preces e lhe anuncia que vai ser pai, dando-lhe uma enorme felicidade a si e a Santa Ana.³

As duas imagens em pedra, deixam algumas dúvidas quanto à sua iconografia, pois, para além dessa correspondência não fazer sentido, estas encontram-se em mau estado de conservação, havendo zonas que não são perceptíveis.

Os pais de Nossa Senhora, normalmente, aparecem com sinais aparentes da passagem no tempo, sempre mais velhos, o que não é visível na imagem de Santa Ana.

Santa Ana, iconograficamente, apresenta-se com um aspecto maternal e com um manto verde, símbolo da esperança, pois é esta que traz a esperança ao

¹ Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário, Volume II*, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa, 1874, p. 480.

² António Mendes Correia *et al*, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume IX, Editorial Enciclopédia, Lda., Lisboa, 1942, p. 263.

³ Jorge Campos Tavares, *Dicionário de Santos*, Lello Editores, Porto, 2004, p. 88.

mundo, com o nascimento da Virgem. Uma vez que as imagens da igreja são em pedra e sem policromia, pela cor, não é possível fazer tal identificação. Apesar da maioria das representações da mãe de Nossa Senhora serem num grupo escultórico: ou com um livro ensinando Nossa Senhora a ler, ou ainda ensinando outros ofícios próprios das mulheres da época (mais raramente), ou numa santa parentela (Santa Ana, São Joaquim, Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus), ou ainda nas Santas Mães (Santa Ana, Nossa Senhora e o Menino Jesus); esta também pode efectivamente aparecer sozinha.

Não esquecendo que ao longo de toda a história da arte, aconteceram inúmeros desvios iconográficos, podemos inferir que a imagem feminina da Igreja de Dornes seja uma Santa Ana, uma vez que esta aparece com um livro e com um manto. Para além disso, a imagem transmite-nos juvenilidade, no entanto, devido ao seu mau estado de conservação, não é possível ter certezas quanto a este facto.

Podemos ainda pensar que esta poderá ser uma doutora da igreja, devido ao facto de ter um livro, iconografia específica dos doutores/ doutoras da igreja. Contudo, qualquer opção encontrada não me pareceu plausível, uma vez que iconograficamente, não tem muitos atributos para se poder fazer tal atribuição.

Entre as doutoras da igreja, surgiram Santa Paula, Viúva ou de Roma; Santa Catarina de Sena; Santa Escolástica; e ainda Santa Odília de Alsácia. Contudo, existem sempre outros atributos que a imagem não contém. Santa Paula, Viúva ou de Roma, tem como atributos a Vulgata (pois ajudou S. Jerónimo na compilação da versão latina da Bíblia) e o crucifixo.⁴ Santa Catarina de Sena, iconograficamente é representada como dominicana, com um crucifixo e uma flor-de-lis. Ocasionalmente apresenta estigmas e uma coroa de espinhos, pois ajudava leprosos e cancerosos.⁵ Esta doutora não me pareceu de todo possível, pois a imagem não apresenta nenhum crucifixo, nem tampouco uma flor-de-lis ou uma coroa de espinhos. Relativamente aos estigmas, se os tivessem, já não seriam identificados, devido ao seu estado de conservação. Santa Escolástica, representada como dominicana, tem como atributos o livro

⁴ Jorge Campos Tavares, *ob. cit.*, pp. 119-120.

⁵ *Id.*, *ibidem*, p. 38.

da Regra, pois foi fundadora da Ordem das Beneditinas e uma pomba pousada no livro ou na cabeça, pois quando morreu viu-se a sua alma subir aos céus em forma de pomba.⁶ Ou ainda Santa Odília de Alsácia, representada com um livro com dois olhos em cima, pois nasceu cega e por milagre começou a ver.⁷

Não me pareceu então provável que a imagem representasse alguma destas doutoras da Igreja, inferindo antes, que esta presumivelmente poderá ser Santa Ana, mãe de Nossa Senhora.

São Joaquim, iconograficamente, apresenta-se normalmente barbado, com sinais de idade e, com uma cesta e duas pombas.⁸

Em relação a este, é possível desfazer o mito, e denominá-lo como São Paulo de Tarso, ou apenas São Paulo. Este último apresenta-se normalmente com barba e calvo, o que é visível na imagem. Para além disso, detém ainda uma espada nua, como alusão ao seu martírio, uma vez que este fora decapitado. Ocasionalmente, São Paulo é ainda representado com um livro, como os Apóstolos, por ter-se tornado um difusor do Cristianismo, entre os povos não judaicos. Daí lhe ter sido atribuído o título de Apóstolo, apesar de nunca ter pertencido ao grupo dos Doze Apóstolos. Ocasionalmente, aparece com uma cesta, como alusão à sua fuga de Cesareia, de onde fugiu de dentro das muralhas, descendo à noite dentro de uma cesta.⁹ A imagem em questão não apresenta nem uma cesta nem um livro, no entanto, não podemos deixar de referenciar a falta da mão esquerda, onde este poderia possuir qualquer um destes atributos.

Em última análise, podemos então inferir que o grupo escultórico em questão não nos parece de todo que sejam os “malcasados”, denominados Santa Ana e São Joaquim. Apontamos antes para São Paulo e Santa Ana, fundamentado esta minha tendência, na análise e descrição elaborada ao longo do estudo.

⁶ Jorge Campos Tavares, *ob. cit.*, pp. 51-52.

⁷ *Id.*, *ibidem*, p. 115.

⁸ Louis Réau, *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de los Santos de la G a la O, Tomo 2, Volumen 4*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1997, p. 153.

⁹ Jorge Campos Tavares, *ob. cit.*, p. 120.



Figura 1 – Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Pranto e pormenor da porta onde se encontram as imagens.



Figura 2 – Imagem masculina, anverso.



Figura 3 – Imagem masculina, verso.



Figura 4 – Imagem masculina, vista da lateral esquerda.



Figura 5 – Imagem masculina, vista da lateral direita.



Figura 6 – Imagem feminina, anverso.



Figura 7 – Imagem feminina, verso.



Figura 8 – Imagem feminina, vista da lateral esquerda.



Figura 9 – Imagem feminina, vista da lateral direita.



Figura 10 – Imagem feminina, facturada.

O grupo escultórico foi bem trabalhado, o que mostra que quem executou o trabalho era um bom artífice. Contudo, existem alguns pormenores que levam a crer que não terá sido o mesmo autor a executar as duas imagens. Referimo-nos aos panejamentos que foram mais trabalhados, no caso da imagem feminina, e ao nível da face, que foi de maior preocupação, no que diz respeito à imagem masculina.

Esta última, a qual se encontra do lado esquerdo da porta é uma escultura de vulto a 3/4 com as costas ligeiramente escavadas, com 74 cm de altura. Apresenta sinais de idade avançada, que se identificam por este se apresentar calvo e barbado. Existe ainda uma continuidade das formas gerais e um certo realismo, no que diz respeito à face. A barba é ligeiramente encaracolada nas extremidades, característica da escultura gótica. Os olhos estão abertos, olhando em frente, para o horizonte e está localizada numa posição elevada o que nos leva a crer que a obra não terá sido feita para o lugar onde se encontra, talvez seja mais antiga e tenha pertencido ao antigo templo quinhentista, como o refere Gustavo de Matos Sequeira¹⁰. O nariz é pouco saliente, bem proporcionado em relação à face, assim como a boca pequena. O rosto é alongado e tem as proporções bastante correctas.

O corpo é robusto, tal como consta na iconografia de São Paulo. Apresenta alguma verticalidade e um ar majestoso de imponentia.

O manto é bastante trabalhado e volumoso, embora transmita uma sensação de pano bastante grosso e forte, que o acompanha desde os ombros até aos pés. Tem ainda uma faixa na zona abaixo do pescoço que o fixa de um lado ao outro. A imagem segura a ponta esquerda do manto com a mão direita, e também a espada completamente vertical. A espada nua é de gomo liso, apresentando uma enorme perfeição. Em relação ao punho da mesma, não há nada a salientar, por este se encontrar partido (não existe actualmente).

As vestes interiores, por baixo do manto, nomeadamente os panejamentos, são apenas visíveis na zona do peito e abaixo da cintura, e apresentam-se

¹⁰ Gustavo de Matos Sequeira, *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Santarém*, Volume III, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1949, pp. 41-42.

cintados. Há uma preocupação com o facto de este ser cintado, uma vez que as pregas dos panejamentos não são tão volumosas como as do manto.

Em relação à mão direita, é possível notar os dedos alongados e estreitos. Relativamente à mão esquerda, esta não existe, mas pela aparência, parece-nos que numa primeira fase se terá partido e sofrido uma intervenção e numa fase posterior retirada definitivamente (não existe qualquer vestígio da mesma actualmente).

O pé esquerdo é o único visível, pois o outro encontra-se por debaixo do manto. Este está descalço e avançado em relação ao outro, pelo que se entende um certo movimento. Existe ainda uma preocupação por parte do autor, no tratamento dos dedos.

A imagem feminina encontra-se do lado direito da porta e é uma escultura de vulto a 3/4 com as costas escavadas, com 68 cm. Apresenta-se extremamente inclinada para trás, quase que nos faz parecer que está em queda, tanto que na zona inferior, nomeadamente na parte de trás, há uma quebra no manto, em forma de “V”. Contudo, existe toda uma torção em “S” do próprio corpo. Encontra-se fracturada a meio, na horizontal, ao nível da cintura.

O rosto é arredondado, ligeiramente inclinado para a esquerda e para baixo, olhando para o livro que tem na mão esquerda. Os olhos são pequenos e amendoados. O nariz é longo e fino, notando-se uma enorme diferença em relação ao do Santo. A boca também é pequena e tem os lábios finos. Em relação ao pescoço este é bastante alongado, o que poderá atribuir-se ao colarinho totalmente liso.

Está integralmente envolta no manto, que é bastante trabalhado, dando-nos uma noção de leveza e volumetria. As pregas são sinuosas, havendo mesmo um enorme pormenor ao nível dos panejamentos. O véu parece-nos que é separado do manto, o que devido ao seu estado de conservação não será uma afirmação de todo correcta. A túnica interior é lisa e só se vê ligeiramente ao nível do peito.

Em relação às mãos, a esquerda não é visível, pois o livro é segurado com a mesma mão, mas por baixo do manto. Relativamente à mão direita, são de

notar os dedos finos e alongados, numa mão bastante feminina que segura o manto.

O livro sugere-nos uma capa grossa, bastante trabalhado, tanto ao nível da lombada ondulada, como ao nível das folhas, as quais se nota serem mais finas. Há uma demarcação das mesmas tanto individualmente, como em relação à capa, que se observa pela espessura destas (mais finas).

O pé esquerdo é o único visível estando ligeiramente avançado em relação ao outro que se encontra coberto pelo manto. Está calçado com um sapato em bico, tipicamente gótico.

As imagens não têm qualquer inscrição, nem tampouco se sabe algo sobre o encomendante, autor, ou até mesmo a data. Presume-se que estas teriam sido feitas para o local onde se encontram.

Segundo diversos autores, a igreja terá sido mandada edificar pela Rainha Santa Isabel e provavelmente as estátuas também, pois consta ainda que a Rainha Santa, doou imensas obras para a igreja.¹¹

Se assim for, e sabendo que Mestre Pêro fez imensas obras para a Rainha Santa, é provável que se possam atribuir as obras desta igreja a este Mestre, ou à sua oficina. Pois, as imagens parecem transmitir o trabalho de mais do que um mestre. Há também algumas semelhanças com as Virgens deste mestre, nomeadamente a inclinação do rosto, as formas do nariz, boca e olhos ou até mesmo o sapato em bico. Veja-se por exemplo a Virgem com o Menino, em pedra, que se encontra no Museu Nacional da Arte Antiga, em Lisboa, atribuída à oficina do Mestre Pêro, ou ainda a Nossa Senhora do Ó, em exposição no Museu Machado de Castro, em Coimbra, também em pedra.

Com base nesta alusão, poder-se-iam remeter as imagens para o final do século XIII, inícios do século XIV, contudo, esta atribuição e datação não é um dado adquirido, até porque em 1453, D. Afonso de Sousa, reedificou e ampliou a igreja.¹²

¹¹ Gustavo de Matos Sequeira, *ob. cit.*, pp. 41-42.

¹² Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal, *ob. cit.*, p. 480.

A fortuna crítica destas obras foi imensamente procurada, conseguindo descobrir apenas duas pequenas alusões ao grupo escultórico.

Em 1949, Gustavo de Matos Sequeira, afirma que “quanto à fachada, há a mencionar, duas imagens de pedra, antigas, sem pintura, que estão na cimalha da porta principal”.¹³

No *site* da internet da Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere, existe uma referência às imagens, publicada em Maio de 2007, exactamente igual à referida anteriormente.¹⁴

Existem imensas referências à Igreja Paroquial de Dornes e até mesmo à Vila em si, mas nada acerca das imagens em questão, o que nos entristece. Actualmente, ambas se encontram sob intervenção de conservação e restauro, no Laboratório de Materiais Pétreos do *Instituto Politécnico de Tomar*.

¹³ Gustavo de Matos Sequeira, *ob. cit.*, p. 42.

¹⁴ Fonte: <http://www.cm-ferreiradozezere.pt/pt/conteudos/concelho/Patrim%C3%B3nio/Igrejas/3fa4c280-9275-474f-ab5c-423da97ad572.htm>, consultada a 3 de Janeiro, pelas 18 horas e 30 minutos.

Bibliografia

CORREIS, António Mendes, *et al*, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume IX, Editorial Enciclopédia, Lda., Lisboa, 1942;

LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho, *Portugal Antigo e Moderno: Dicionario, Volume II*, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa, 1874;

RÉAU, Louis, *Iconografia del Arte Cristiano: Iconografia de los Santos de la G a la O, Tomo 2, Volumen 4*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1997;

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Inventário Artístico de Portugal: Distrito de Santarém*, Volume III, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1949;

TAVARES, Jorge Campos, *Dicionário de Santos*, Lello Editores, Porto, 2004.

Outra Referência

<http://www.cm-ferreiradozezere.pt/pt/conteudos/concelho/Patrim%C3%B3nio/Igrejas/3fa4c280-9275-474f-ab5c-423da97ad572.htm>, consultada a 3 de Janeiro, pelas 18 horas e 30 minutos.